

Capítulo XV - COMO ACUDIR A TANTOS PEDIDOS DE SOCORRO

A missão de encontrar Ana naquela confusão, despertava a primeira dúvida inquietante: para onde levá-la tendo em vista a ausência de socorro naqueles primeiros minutos da tragédia ? Poderia mantê-la boiando na horizontal, poupando nossas energias, ou tentar um salvamento imediato levando-a até a praia Vermelha, opção seguramente mais desgastante, mas que poderia tronar-se única diante do quadro de falta de expectativas favoráveis.

Avaliando com critério esta última opção, concluí que chegar à terra firme era possível, mesmo que estivesse com a tarefa de trazer Ana comigo. Afinal, meu preparo físico estava apurado devido à participação na Maratona de New York, no início de novembro, e considerando ainda todo o volume de treinos durante os vários meses que antecederam a corrida.

Mesmo com aquele ambiente de pânico generalizado – com a minha percepção realista de que a morte infelizmente chegaria para muitas pessoas, principalmente no caso das que não sabiam nadar – a minha responsabilidade de encontrar Ana e providenciar socorro imediato, jamais foi abalada.

No entanto, para começar a agir, eu precisava encontrá-la o mais rápido possível. E a única forma, considerando o caos que se formara, era chamar por seu nome e, ao ouvir a sua resposta, nadar em sua exata direção. E neste momento de decisão aconteceu algo totalmente surpreendente.

Certamente como resultado do estado de choque ao qual fui submetido ao constatar que passei a ser um protagonista de um naufrágio de graves proporções, eu não conseguia me lembrar do nome da minha namorada quando decidi gritar por ela.

Na minha mente, uma cascata de nomes de mulheres se derramava, sem que a palavra Ana surgisse como a identificação da realidade que eu estava vivenciando. E nesses momentos de inércia inaceitável, pela falta de definição de um simples elemento, como o nome de uma pessoa, a angústia costuma conspirar fortemente, comprometendo ainda mais o adequado ordenamento da linha de raciocínio em busca da solução para o impasse.

Capítulo XV - COMO ACUDIR A TANTOS PEDIDOS DE SOCORRO

Finalmente decorridos aproximadamente 30 segundos de vãs tentativas, que pareceram uma eternidade, o nome de Ana consolidou-se, enfim, na minha mente, minimizando aquela sensação de estado de choque. Eu, então, comecei a gritar muito alto o nome dela, pois o somatório das vozes provenientes dos pedidos de socorro acabava por abafar cada som emitido por uma das pessoas que se encontrava naquele tumulto.

Eu estava otimista quanto à possibilidade de encontrar Ana, assim que ela respondesse aos meus repetidos chamados. Como havia saltado para o mar um pouco antes do Bateau virar, eu pude manter uma distância de segurança de uns 10 metros do espaço onde as demais pessoas estavam agora, pois elas caíram ao mesmo tempo, juntamente com a decoração solta do barco, sendo que mesas, cadeiras, garrafas, isopores e todos os demais utensílios passíveis de flutuação compartilhavam a mesma área, dificultado a movimentação de quem sabia nadar.

Minha primeira preocupação em relação à missão de um possível salvamento de Ana veio quando disparei pela segunda vez um grito e ouvi, como resposta de forma que me pareceu bem sincronizada, uma voz feminina que chamava por Pedro. Para confirmar esse desencontro entre mim e uma outra mulher, fiz a mesma tentativa mais duas vezes gritando Ana – tendo o cuidado de dar um tempo razoável entre elas – e em ambas recebi novamente Pedro como resposta.

Ficou claro, então, que havia pelo menos mais uma Ana no naufrágio e que a minha estratégia de tentar localizar a minha namorada, mantendo uma certa distância da confusão, se mostrara infrutífera.

Eu precisava reavaliar a situação com a máxima rapidez possível, pois a ausência de resposta por parte de Ana aumentou o meu grau de angústia em relação a um possível salvamento. Mais do que nunca, não havia tempo a perder.

Por outro lado, de maneira avassaladora, eu passara a experimentar um sentimento de revolta ao ouvir tantos gritos de socorro à minha frente. Eram pessoas que necessitavam de uma ajuda relativamente simples para serem levadas ao casco do barco que ainda flutuava ou que recebessem um dos inúmeros artefatos que boiavam não muito distantes, mas que, para aqueles que não sabiam nadar, representavam algo jamais alcançável.

Capítulo XV - COMO ACUDIR A TANTOS PEDIDOS DE SOCORRO

Estabelecia-se, então, um conflito na minha mente, pois estava claro que eu tinha condições de executar com êxito essa tarefa de salvar algumas vidas, não só por dominar os fundamentos para resgate aquático, mas também pelo simples movimento de fazer chegar a quem não sabia nadar, os diversos tipos de materiais flutuantes que funcionariam como boias. Contudo, predominava claramente entre as minhas prioridades, a responsabilidade de salvar a minha namorada. E essa tarefa, poderia ser representada pela necessidade de levá-la até a praia Vermelha, despendendo um esforço considerável. Com esta perspectiva de que essa ação de salvamento poderia se tornar imediata, eu precisava preservar as minhas energias.

Totalmente impossibilitado, pelas circunstâncias de momento, de ajudar as pessoas, experimentei o grau máximo de revolta por estar sendo submetido àquelas alternativas irreais de salvar alguns naufragos e tomei uma decisão insólita como forma de protesto em relação a tudo que estava acontecendo: eu permaneceria nadando de sapatos, meias, calça e camisa conforme saltei do convés para o mar.

E para não deixar dúvidas de que não se tratava de um apego material, pactuei comigo mesmo, na forma de uma promessa que se encaixava no momento, que me desfaria de tudo, caso tivesse que resgatar Ana, levando-a a terra firme, única opção diante da ausência de prestação de socorro por outros barcos.

Nos primeiros momentos dentro d'água, eu havia notado que as roupas e os sapatos não estavam comprometendo o meu deslocamento, pois ele se dava de forma muito lenta, poupando energia para tarefas mais desgastantes que poderiam ocorrer logo em seguida. Este posicionamento estava coerente com a primeira tentativa de localizar Ana, gritando pelo seu nome. Mas não consegui alcançar o resultado pretendido.

Sendo assim, eu tinha pouco tempo para definir uma nova estratégia para socorrer a minha namorada, onde quer que ela estivesse naquele naufrágio. E durante essas reflexões que cruzavam o meu cérebro, tentando convergir para uma solução concreta, eu me deparei com uma dúvida atroz que poderia selar o destino de Ana naquela terrível noite.

